



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL/PDE

VERA LÚCIA SANCHEZ

O PROCESSO DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO DO ALUNO COM TDA/H NA ESCOLA PÚBLICA

LONDRINA

2008

O PROCESSO DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO DO ALUNO COM TDA/H NA ESCOLA PÚBLICA

Vera Lúcia Sanchez

Pedagoga/Especialista em /Deficiência Mental e Psicopedagogia

Secretaria de Estado de Educação/Pr.

Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE –

Londrina/Pr

verinha_sanchez@hotmail.com

RESUMO

Esse artigo tem como foco os alunos com quadro de hiperatividade que freqüentam a escola pública e recebem (ou não) apoio em sala de recursos. Ao ser diagnosticado/rotulado como hiperativo são observados alterações nos modos de lidar com o aluno, tanto pelo corpo docente como discente escolar. O aluno passa a receber outro enfoque e a partir deste, tudo pode se justificar em seu comportamento, suas dificuldades em atenção e concentração, sua intolerância a rotinas diárias na sala de aula, o que o leva, na maioria das vezes, ao abandono, a retirada da sala pelo comportamento inadequado e conseqüentemente, a retenção e à exclusão. É possível, sendo hiperativo, conviver em todos os âmbitos sem discriminação e exclusão? Será a Hiperatividade um modernismo que se apresenta nos ambientes escolares no momento? Baseada nestas indagações e vivenciando em sala de recursos as atividades realizadas por alunos com TDA/H é que faço o foco deste artigo. Apresento alternativas de adaptações que podem ajudar a melhorar o atendimento e que são vivenciadas e aplicadas na sala de recursos, possibilidades de atendimento mais adequado e de adaptação de metodologia que ajude os profissionais de educação na busca por caminhos e estratégias mais adequados.

Palavra-chave: Inclusão – Exclusão – Escola pública - TDA/H –

ABSTRACT

This article focuses on the framework for students with hyperactivity who attend the public school and receive (or not) in support of room resources. On being diagnosed / labelled as hyperactive are observed changes in ways of dealing with the student, both by the faculty as discente school. The student will receive a different focus and from this, everything can be justified in their behavior, their difficulties in attention and concentration, its intolerance to daily routines in the classroom, which leads, in most cases, abandonment, the withdrawal of room for bad behavior and thus, retention and exclusion. It is possible, and hyperactive, live in all fields without discrimination and exclusion? Is Hyperactivity a modernism is presented in school environments at the moment? Based on these questions and living room of resources in the activities undertaken by students with TDA / H is that I am the focus of this article. Please alternatives for adjustments that can help improve the service and who are experienced and applied in the living room of resources, opportunities for more appropriate care and adjustment of methodology to help professional education in the search for ways and strategies more appropriate.

Keyword: Inclusion - Exclusion - Public school - TDA/H -

O PROCESSO DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO DO ALUNO COM TDA/H NA ESCOLA PÚBLICA

INTRODUÇÃO

Incluir requer habilidades de estar com, colocar em ação. A educação especial vem trabalhando neste sentido com os alunos que se espalham pelo universo escolar e fazendo de suas necessidades especiais, necessidades iguais à de todos os alunos que freqüentam a escola comum.

Pesquisas recentes mostram que a inclusão surge no cenário educacional como uma nova perspectiva que envolve rever concepções a respeito da educação, do ensinar e do aprender. Com ela emerge vários questionamentos sobre o que fazer e como fazer. O atendimento aos alunos considerados especiais em salas de recursos reforça o trabalho pedagógico realizado nas escolas públicas, onde, nem sempre, estes alunos conseguem sucesso e avanço escolar. A grande maioria destes alunos pode apresentar bom rendimento, tudo vai depender da forma como é atendido na sala de aula do ensino comum. Esta é a proposta apresentada.

Aprender a trabalhar com a inclusão e mais atentamente para a inclusão de alunos com Déficit de Atenção e Hiperatividade, é um desafio para os docentes e para escola de modo geral, que necessitam criar meios para aprender a trabalhar nessa perspectiva. Assim, o professor, cuja função é ensinar, tem também a necessidade de aprender. A busca por novas metodologias e técnicas para ensinar tem levado muitos professores a diversificarem suas aulas, no intuito de atender a essa população, e também, melhorar o nível de aprendizagem da sala como um todo.

Garcia (2006) explica

“Inclusão social” e “educação inclusiva” são expressões que ganharam importância no discurso de diferentes correntes político-ideológica nos últimos anos. Debates com tais finalidades têm focalizado as chamadas “minorias” ou “grupos excluídos” que, numericamente, representam a maior parte da população mundial. É exatamente um diagnóstico de produção de “exclusão social” que tem justificado a necessidade de propor políticas que contemplem a “inclusão social” (GARCIA, 2006, p.1)

A Declaração de Salamanca (1994) é considerada mundialmente um dos mais importantes documentos que visam a inclusão social, juntamente com a Convenção sobre os Direitos da Criança (1988) e da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990).

As Diretrizes para a Educação Especial no Ensino Básico do Estado do Paraná (p.12) apontam que *“a política de inclusão de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino não consiste apenas na permanência física desses alunos junto aos demais educandos, mas representa a ousadia de rever concepções e paradigmas, bem como desenvolver o potencial dessas pessoas, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades”*.

A inclusão se apresenta hoje como inquestionável. Está presente nas escolas e, mesmo ainda não sendo aceita por muitos profissionais, e confundida por outros, ela invade os bancos escolares e os profissionais têm que, afinal, responder aos anseios que ela exige. No nível de políticas, leis e documentos nacionais e internacionais percebem-se os meios de assegurar esse direito que, no entanto, continua distante de ser alcançado no plano da implementação efetiva e concreta. Então, o porquê da dificuldade, as tentativas de resposta nos levam a considerar um conjunto de fatores que delineiam um quadro complexo. Podemos citar alguns desses documentos como: Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica; A nova LDB e as necessidades educacionais especiais; Fundamentos para uma Educação Inclusiva; Direito da criança e do adolescente e outros.

LAPLANE (2006) diz que:

Por um lado, no nível dos movimentos mais amplos da sociedade, a partir da crise econômica dos anos 70 no mundo ocidental, reverteu-se o movimento inclusivo do período do pós-guerra. Se nos anos 50, grandes contingentes de jovens, mulheres e imigrantes foram incorporados às economias formais e à cidadania, no fim da década de 60 isso começou a mudar. A situação recrudescer nas décadas seguintes, acompanhada de mudanças no estilo de vida e nos valores. (LAPLANE, 2006, p.1)

Outro grande problema disciplinar envolve os alunos que apresentam verdadeira hiperatividade, e são confundidos com alunos indisciplinados e vice-versa a mesma situação.

Muitos erros e mitos se manifestam perante o comportamento dos alunos, incluindo até mesmo questionamentos e juízos de valor. Nesse contexto, Aquino (2003) alerta que a indisciplina na fase da adolescência, o aluno questiona, indaga e quer fazer valer os seus direitos e reivindicações. Transgride as normas e os valores que são impostos pelos adultos e que os ambientes exigem.

Devemos ter em mente que o que a escola ou qualquer outra instituição deseja, requer sempre a moral, envolvendo regras, normas, leis e que de certa forma, todos devemos segui-la, atendendo ao que a sociedade espera de cada um. Cabe então, ao professor regente de classe regular questionar-se sobre os saberes necessários para trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais, considerando que não dispõe de formação para tal, mas que a inclusão o impele a essa busca constante de novos conhecimentos, técnicas a aperfeiçoamento.

Com isso, aprender a trabalhar com a inclusão é um desafio para os docentes e para escola de modo geral, que necessitam criar meios para aprender a trabalhar nessa perspectiva. Assim, o professor, cuja função é ensinar, tem também a necessidade de aprender. A busca por novas metodologias e técnicas para ensinar tem levado muitos professores a diversificarem suas aulas, no intuito de atender a essa população, e também, melhorar o nível de aprendizagem da sala como um todo.

Há de se cuidar então, de não rotular qualquer aluno indisciplinado em hiperativo e colocar-lhe o rótulo de uma doença, nem tão pouco, achar que a única coisa do aluno hiperativo, é sua indisciplina, seu modo comportamental de agir. A Escola faz muito isso porque quer buscar soluções onde não existem, como no diagnóstico dado pelo médico para justificar o que está acontecendo na sala de aula. Outro enfoque importante, que entra no modismo vigente nas escolas hoje é o que se sabe ou se ouve falar da figura polêmica do 'aluno-problema'.

Aquino (1998) apregoa que, erroneamente “*os tais alunos-problema podem ser tomados como ocasião privilegiada para que a ação docente se afirme, e que se possa alcançar uma possível excelência profissional*” (AQUINO, 1998, p.2).

Temos então o grande questionamento, pois aqui se enquadram os TDA/H como os alunos-problemas das escolas, principalmente no que tange a indisciplina e ao comportamento que apresentam. Na maioria das vezes, por ser considerado e tratado como aluno problema e indisciplinado é rapidamente colocado no fracasso escolar levando-o à exclusão.

Então nos perguntamos: onde está o erro? Como devemos agir e superar o problema da indisciplina na sala de aula? Na maioria das vezes nos deixamos guiar sempre pela moral e sentimo-nos amparados. É mais fácil colocar o aluno fora da sala ou à coordenação pedagógica por ser indisciplinado ou hiperativo e atrapalhar a aula, ou buscar solução para que este aluno participe, dando suas opiniões, adequando o tempo, a quantidade de exercícios, a forma como o aplico em sala, visando a real inclusão?

É preciso muito cuidado hoje ao se culpabilizar a tão falada família desestruturada e nela colocar toda a culpa do fracasso escolar. PATTO (1997) explica sobre a grande confusão que o conceito de família se apresenta estereotipado na escola

É preciso dizer e tornar a dizer que a famosa “família desorganizada ou desestruturada” é um estereótipo que culpabiliza as vítimas. A aplicação indiscriminada de modelos familiares normativos a grupos familiares que são divergentes deles pode causar muito mal, acentuando as diferenças e transformando-as em estigmas. (PATTO 1997, p. 66)

Trabalhar com a diversidade exige maior competência, espontaneidade e interesse dos profissionais. Por outro lado, a idéia de que a educação deve centrar-se no atendimento das necessidades dos alunos tem sido abordada de maneira crescente por autores em diversos contextos. Isso tem levado a muitos questionamentos, indagações e aprofundamento nos estudos e pesquisas na busca de melhores soluções. Entendemos que essas pesquisas sejam importantes e fundamentais e que isso proporcione a educação como um todo, numa visão ampla do cotidiano escolar e mundial que vivemos no momento.

DESENVOLVIMENTO

Segundo a ABDA, o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDA/H) é um transtorno neurobiológico. As causas são genéticas e aparece na infância e freqüentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. A ABDA, explica que o TDA/H foi descrito pela primeira vez em 1902 e que já recebeu diversas denominações no decorrer de todos estes anos. *“As mais conhecidas foram: síndrome da criança hiperativa, lesão cerebral mínima, disfunção cerebral mínima, transtorno hipercinético”*. O termo oficialmente adotado pela Associação Americana de Psiquiatria foi o de *Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade, significando a barra inclinada que o problema pode ocorrer com ou sem o componente de hiperatividade, outrora considerado o sintoma mais importante e definidor do quadro.* (BOURBON, 1997).

CABRAL (1994) explica que é importante identificar se realmente o aluno tem Hiperatividade e para isso baseia-se em três aspectos. O primeiro que é necessário que os sinais de atenção, hiperatividade e impulsividade sejam apresentados constantemente. O segundo aspecto é relacionado à necessidade de se falar que estes sintomas tenham aparecido desde a infância. Isto é *“se alguém passou a apresentar essas características depois de adolescente ou adulto, não se trata de TDA/H, mas provavelmente de algum outro transtorno”*. O terceiro aspecto mostra que estes sintomas tenham uma intensidade e constância tal que *“existe já um comprometimento do seu funcionamento em mais de uma área de atuação, como casa, escola, trabalho, vida social, etc.”* (CABRAL, 1994). E por último, o autor enfatiza que para se fazer o diagnóstico exige-se que sejam excluídas outras causas capazes de ocasionar essas características.

O diagnóstico desse transtorno é eminentemente clínico. O mal que acontece hoje nestes diagnósticos, é que nem sempre, ou na maioria delas, pelo atendimento a saúde pública no Brasil, o médico não solicita estas informações necessárias, e até mesmo numa primeira consulta, tendo ouvido somente uma pessoa, ele entrega o diagnóstico de hiperatividade e o receituário de medicação.

Analisando a inclusão de alunos com diagnóstico de TDA/H percebe-se que é preciso estar atento que não é um diagnóstico médico enviado a escola que tem o poder de transformar a vida escolar do aluno, principalmente no caso dos alunos

com Hiperatividade. É preciso observar as necessidades educacionais que este aluno apresenta e não exigir dele um comportamento que não pode corresponder.

Não seria, então, a indisciplina um sintoma da incompatibilidade entre a escola que tivemos a que idealizamos e a que fomos preparados para trabalhar? Ou não seria a indisciplina um sinal de que algo não vai bem na prática escolar? Não seria fruto de um ideal imaginário de alunos que não existem nas condições que oferecemos, hoje? Ou ainda nos prendemos aos padrões de comportamento nos quais as escolas ainda parecem inspirar-se.

PATTO (1997) argumenta

O fato de invariavelmente aprovarem a crença dos educadores de que há algo errado com o aprendiz mostra uma significativa convergência das visões técnico-científica e do senso comum. Tudo se passa como se o professor e psicólogo se aliassem no pressuposto de que o aluno que não se adapta às imposições escolares é portador de alguma anormalidade, restando apenas consultar os testes, para supostamente descobrir qual (PATTO, 1997, p. 67)

BALLONE (1994) chama a atenção para o diagnóstico clínico, colocando a relevância de não se confundir os sintomas. Esclarece que o transtorno é de natureza crônica e ligada à atenção/concentração ou hiperatividade. Mas, sintomas que apareçam de uma hora para outra, tem uma grande possibilidade de não serem hiperativos. Torna-se importante, ver caso a caso. Ele argumenta ainda que para que se considere um TDA/H, os sintomas devem aparecer em vários ambientes como escola, casa, lugares públicos, etc. Se os sintomas aparecem em um determinado ambiente, é preciso investigar com cuidado e descobrir as razões que envolvem tal comportamento.

O autor conclui sua colocação explicando que *'trabalhos escolares e testes de inteligências tendem a produzir "falsos positivos" para retardo mental em crianças com TDAH, devido à dependência destas atividades na atenção da criança'* (BALLONE, 1994).

Cabem aos profissionais professores, os envolvidos diretamente com a inclusão dos alunos com hiperatividade, deixar o preconceito do que sabem sobre hiperatividade, mas apropriarem-se do novo, da estimulação que uma inclusão oferece ao profissional, que o faz ser melhor, não só com o aluno incluso, mas com

a turma toda, pois a partir de novos conhecimentos, novas técnicas, novos desafios, todos ganham e o professor, torna-se realmente um profissional competente. Cabe então aos professores a longa tarefa de reconquistar o espaço dentro e fora da sala de aula, nesta jornada inclusiva.

À Escola cabe o dever de educar, ao professor, a forma em como fazer isso para proporcionar bem estar e um aprendizado que seja frutuoso. Educar pessoas, proporcionando a sua transformação em sujeitos históricos, politizados, autônomos, co-responsáveis pelas coisas do mundo; agente ativo na sociedade em que vive: cidadão. Esta é a responsabilidade da escola e pela escola, aos profissionais que nela atuam. E isso só se fará possível se nós, educadores partilharmos responsabilidade pelas decisões acerca das rotinas de trabalho, dos problemas que se apresentam no dia a dia em busca de melhor solução, das regras de convivência, a partir das exigências e condições mínimas de funcionamento da relação professor-aluno, seja qual for a instituição e o que ela pode oferecer. É fundamental nos fazermos abertos, explícitos na nossa proposta enquanto educadores. É de suma importância que professor e aluno saibam o que um espera do outro. Por fim, faz-se preciso lembrar que o diálogo ainda é o melhor e mais eficaz remédio para a democratização.

FREIRE-COSTA comenta sobre a qualidade do diálogo explicando que este é um dos objetivos essenciais dos papéis de todos os envolvidos na escola, e que esta reconstrução e reelaboração deve sempre permear a relação professor-aluno. E que somente assim poderemos, professores e alunos, “levar a sério as questões referentes aos vínculos de amizade, hospitalidade, cortesia, honra, lealdade e fidelidade, assim como a questão do reencantamento ou paixão pelo mundo” (FREIRE-COSTA,2000, p. 81)

O DSM-IV identifica três tipos de TDA/H: o tipo predominantemente hiperativo-impulsivo, o tipo predominantemente desatento e o tipo combinado. . As características que servem como parâmetros para a identificação e o diagnóstico são apresentados no Quadro a seguir.

QUADRO: Sinais de hiperatividades elencados no DSM-IV.

Disponível em <http://www.neurosapiens.com/ache.htm> Acesso em 09/05/07

Tipo desatento:

devem ser encontrados 6 ou mais dos seguintes sinais:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Não enxerga detalhes e faz erros por falta de cuidado 2. Tem dificuldade em manter a atenção 3. Parece não ouvir quando se fala com ela 4. Tem dificuldade em organizar-se 5. Não gosta de tarefas que exigem esforço mental prolongado 6. Freqüentemente perde objetos 7. Distrai-se com facilidade 8. Apresenta esquecimentos nas atividades rotineiras
Tipo hiperativo/impulsivo:
devem ser encontrados 6 ou mais dos seguintes sinais:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Inquietação, mexendo as mãos e os pés ou não parando quieta na cadeira 2. Tem dificuldade em permanecer sentada 3. Corre sem destino (em adultos, sentimento de inquietação) 4. Dificuldade em fazer uma atividade quieta ou em silêncio 5. Fala excessivamente 6. Responde a perguntas antes delas serem formuladas 7. Age como se fosse movida a motor 8. Tem dificuldade em esperar sua vez 9. Interrompe conversas e se intromete
Tipo combinado:
devem possivelmente, apresentar característica dos dois grupos

Podemos perceber em sala de aula, que quando não consegue resolver sua atividade ao mesmo tempo em que os colegas, a oscilação emocional esbarra na baixa estima e ele acaba por desistir de tal tarefa, manifestando ainda, um comportamento de rebeldia. Essa característica compromete seriamente a interação com o grupo.

Uma consequência da rejeição social que acontece na infância é o sentimento de isolamento na adolescência. Outras dificuldades podem seguir como o maior risco de comorbidade, abuso de drogas, comportamento delinqüente e instabilidade nos empregos. Em resumo, quando comparados portadores de TDA/H que não sofreram rejeição, aqueles que foram rejeitados carregam uma carga pesada que os predisponham para outras dificuldades de socialização na adolescência e na vida adulta.

BALLONE (2000) explica que o tratamento do TDA/H *é um trabalho para uma equipe. Nunca deve ser resolvido somente pelo médico e mesmo este, sem passar por todo o procedimento que deve fazer.*

Visões distorcidas sobre o tratamento medicamentoso do TDA/H podem assumir a forma de expectativas inadequadamente otimistas ou inadequadamente pessimistas. Olhares otimistas podem nos fazer pensar que basta uma pílula por pouco tempo para resolver todos os problemas, ou que nem é preciso nenhuma intervenção, pois o tempo se encarregará de fazer os ajustes necessários.

O professor é muito importante no que diz respeito a identificação da dificuldade ou da hiperatividade. Mas, cabe ao profissional médico, a solicitação de sua participação na apuração do diagnóstico, o que na maioria das vezes não acontece. Na busca por solução rápida, os profissionais (nem sempre especialistas) entregam um diagnóstico aos pais e a partir deste, tudo se justifica como mudança de comportamento ou de aprendizagem, porém, na maioria das vezes, o aluno fica rotulado, sofrendo por um diagnóstico que não é real e que acaba por atrapalhar ao invés de ajudar na sua vida acadêmica. Aquele aluno que não adquire conhecimento como os colegas, deve ser identificado e acompanhado de perto pelos professores, equipe pedagógica, mas sem deixar que isso crie uma diferenciação na sala.

GOFFMAN (1988) afirma que a construção e a manipulação da identidade estigmatizada vão apontar que a busca da compreensão da identidade está atrelada à compreensão da diferença.

A diferença, em si, deriva da sociedade e antes que uma diferença seja importante ela deve ser coletivamente conceptualizada pela sociedade como um todo. A hiperatividade está presente nas escolas. Os alunos com este distúrbio também. É preciso conhecer mais para poder entender melhor (GOFFMAN, 1988, p.134)

Visões distorcidas sobre o tratamento medicamentoso do TDA/H podem assumir a forma de expectativas inadequadamente otimistas ou inadequadamente pessimistas. Olhares otimistas podem nos fazer pensar que basta uma pílula por pouco tempo para resolver todos os problemas, ou que nem é preciso nenhuma intervenção, pois o tempo se encarregará de fazer os ajustes necessários. Opiniões pessimistas são capazes de interromper vidas de satisfação e realização pessoal e

profissional devido à resignação com metas inferiores às reais capacidades da pessoa.

O fundamental para o bom resultado do tratamento é a certeza de que o tratamento sempre é um trabalho de equipe, e que dessa equipe devem fazer parte a própria pessoa portadora do TDA/H, de seus familiares e do ambiente escolar. Quando se trata de crianças e adolescentes, pode ser importante a convocação da escola (professores, orientadores) para fazer parte desse trabalho. Em adultos, não menos importante é a inclusão de familiares, mas quando possível também de colegas e até chefes de trabalho.

Na escola é crucial descobrir em cada aluno com TDA/H suas melhores potencialidades e ajudá-los a desenvolvê-las adequadamente. Dito de outra forma, em muitos momentos precisamos focalizar mais no que pode ir bem do que no que está indo mal, principalmente no que diz respeito a escola, ao seu comportamento e sua forma diferenciada de aprender e ocupar o tempo. É preciso que professores, equipe pedagógica e alunos deixem o estigma de hiperativo, deixem de ver o aluno como diagnosticado, mas passem a perceber suas potencialidades, sua forma de aprender e lidar com as diferentes situações tanto no âmbito familiar, social e escolar.

A Associação brasileira de Psiquiatria (ABP, 2005) comenta sobre o uso do metilfenidato (ritalina) como “*o remédio para assistir à aula*” (grifo do site). Chama a atenção para o uso da medicação indiscriminada por médicos e pacientes.

Um comprimido capaz de fazer um aluno bagunceiro aturar a mais chata aula detonou um rebuliço no meio escolar. A responsável pela polêmica é a ritalina, nome popular de um medicamento de venda controlada, mas facilmente encontrado no estojó de crianças e adolescentes. A substância - tecnicamente chamada de metilfenidato - é a arma de psiquiatras contra uma doença de diagnóstico recente, que atinge 3% da população escolar: o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade.

[...] O problema é que a difusão das propriedades "mágicas" da ritalina parece ter fascinado professores e pais incapazes de controlar crianças naturalmente mais ativas (ABP, 2005).

À família hoje, cabe o papel de saber conviver e lidar com esta difícil tarefa. O que hoje se percebe ser bem complicada de ser realizada, pois os pais não estão

preparados para lidar com todos esses problemas que aparecem tanto em casa, como na escola.

Sobre a família, AQUINO (1998) afirma

Famílias que não estariam suficientemente preparadas para a difícil tarefa de educar; famílias cujos responsáveis não supervisionam atentamente a conduta de sua prole; famílias que não promovem uma rotina estável que favoreceria aos filhos a aquisição de hábitos virtuosos e outros morais; enfim, famílias “desestruturadas” – eis o diagnóstico reiterado pela grande maioria dos profissionais da educação para justificar a indisciplina de parte do alunado (AQUINO, 1998, p. 41).

BOURBON (2000) explica que *as pessoas que tem TDA/H não são diferentes das demais e se falarmos de crianças, então, podemos perceber que nenhuma delas, consegue ficar quieta ou prestar atenção em alguma coisa por muito tempo seguidamente*. Os controles da capacidade de atividade motora, dos impulsos e da concentração vão variar de pessoa a pessoa. Essas capacidades vão se desenvolvendo com a idade e o tempo. Também não é raro os pais não se darem conta das características do TDA/H, ou então só as perceberem quando, na escola, a criança mostra repetidas dificuldades seja no aspecto cognitivo, seja no comportamento.

Ainda, de acordo com a ABDA, o hiperativo constitui o distúrbio infantil mais comum mas, também é conhecido como a principal causa de fracasso escolar. Antigamente, achava-se que os sintomas diminuía na adolescência e desapareciam na idade adulta, entretanto, pesquisas recentes provam que o distúrbio tende a permanecer através da adolescência e continuar na idade adulta, podendo, entretanto, ficar menos aparente.

É preciso estar atento para não confundir o TDA/H com outros distúrbios. Tanto nas escolas como em outros ambientes, a confusão com o diagnóstico tem sido muito percebida. CABRAL (1994) explica que é importante identificar se realmente o aluno tem Hiperatividade e para isso toma como base 3 aspectos. O primeiro que é necessário que os sinais de atenção, hiperatividade e impulsividade sejam apresentados constantemente. O segundo aspecto é relacionado à necessidade de se falar que estes sintomas tenham aparecido desde a infância. Isto é ‘se alguém passou a apresentar essas características depois de adolescente ou adulto, não se trata de TDA/H, mas provavelmente de algum outro transtorno’

(CABRAL, 1994, s.d.). O terceiro aspecto mostra que estes sintomas tenham uma intensidade e constância tal que 'existe já um comprometimento do seu funcionamento em mais de uma área de atuação, como casa, escola, trabalho, vida social, etc. (CABRAL, 1994, s.d.). E por último, o autor enfatiza que para se fazer o diagnóstico exige-se que sejam excluídas outras causas capazes de ocasionar essas características.

A Declaração Internacional de Consenso sobre o TDA/H – (2002) destaca que no diagnóstico o fator hereditário é o de maior relevância e que a heterogeneidade do quadro clínico é justificada pelos múltiplos genes envolvidos. Afirma também que o córtex pré-frontal direito é ligeiramente menor nestas pessoas

Mais da metade das crianças com TDA/H sofrem rejeição por parte de seus colegas e até mesmo de professores, e quando falamos em escolas, podemos mesmo usar o termo exclusão. Os diferentes tipos clínicos dos alunos com este distúrbio despertam diferentes reações e disso resultam conseqüências também muito diferentes. Crianças com Tipo Desatento tendem a ser mais passivas e retraídas e aquelas do Tipo Combinado mostram mais freqüentemente comportamentos agressivos e inadaptados. As do Tipo Combinado sofrem mais prejuízo social e exclusão escolar, pois na maioria dos casos, se exige dela, um comportamento ao qual não consegue corresponder.

Alunos com TDA/H apresentam também dificuldade de modulação das emoções, pois costumam ter oscilações emocionais intensas, frente aos menores contratempos. Podemos perceber em sala de aula, que quando não consegue resolver sua atividade ao mesmo tempo em que os colegas, a oscilação emocional esbarra na baixa estima e ele acaba por desistir de tal tarefa, manifestando ainda, um comportamento de rebeldia. Essa característica compromete seriamente a interação com o grupo.

Uma conseqüência da rejeição social que acontece na infância é o sentimento de isolamento na adolescência. Outras dificuldades podem seguir como o maior risco de comorbidades, abuso de drogas, comportamento delinqüente, e instabilidade nos empregos. Em resumo, quando comparados portadores de TDA/H que não sofreram rejeição, aqueles que foram rejeitados carregam uma carga

pesada, que os predispõe para outras dificuldades de socialização na adolescência e na vida adulta.

Estudos com adultos evidenciaram as principais fontes de insatisfação do cônjuge do portador de TDA/H: dificuldades na realização de algumas tarefas como: não lembrar o que lhe foi dito ou pedido para fazer, comunica-se impulsivamente, isto é, diz coisas sem pensar e às vezes, até fora do assunto comentado no momento; comete sempre desatenção com o outro, desliga-se nas conversas mudando de assunto como se não estivesse interessado e explosões emocionais, apresentando dificuldade em lidar com a frustração.

Não existem fórmulas prontas para vencermos as dificuldades de aprendizagem dos nossos alunos. Até porque essas dificuldades muitas vezes é um sintoma de que algo não vai bem e é tarefa do educador identificar o que não vai bem e ajudar o aluno a superar o problema.

A indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos seriam os grandes males da escola hoje, gerando o fracasso escolar. Um bom exemplo da justificativa do aluno-problema para o fracasso escolar acontece entre o meio pedagógico que fala do aluno-problema como algo que só tende a piorar, sem esperança de crescimento educacional ou de solução para o problema que foi percebido. Os professores costumam evidenciar que se o aluno aprende, é porque o professor ensina; se ele não aprende, é porque não quer ou porque apresenta algum tipo de distúrbio, de carência, de falta de pré-requisito, de ser um aluno com algum problema. E estes seriam os principais obstáculos para o trabalho docente.

Ainda esclarecendo tais concepções, Aquino (1998) apregoa que, erroneamente 'os tais alunos-problema podem ser tomados como ocasião privilegiada para que a ação docente se afirme, e que se possa alcançar uma possível excelência profissional (AQUINO, 1998, p.2).

Segundo o autor, o aluno problema não pode ser eleito como um empecilho ou um agravante no trabalho pedagógico e os docentes podem cometer um sério equívoco ético. Explica que não se podem atribuir aos alunos a responsabilidade por todas as dificuldades e os contratempos que acontecem no trabalho docente. Diz ele que 'seria o mesmo que o médico supor que o grande obstáculo da medicina atual são as novas doenças, ou o advogado admitir que as pessoas que a ele recorrem

apresentam-se como um empecilho para o exercício puro de sua profissão' (AQUINO, 1998, p.2).

O que se observa hoje nas escolas é que a grande difusão de patologias presentes nos âmbitos escolares provocaria o fracasso escolar. Nesta visão, PATTO (1997) afirma

As práticas de diagnósticos de alunos encaminhados por escolas públicas situadas em bairros pobres constituem verdadeiros crimes de lesa-cidadania: laudos sem um mínimo de bom senso e de senso de ridículo produzem estigmas e justificam a exclusão escolar de quase todos os examinados, reduzidos a coisas portadoras de defeitos de funcionamento em algum componente da máquina psíquica (PATTO, 1997, p. 67).

Conhecendo que os fatores que afetam a cognição podem ser de origem social ou orgânica, o educador tem meios de orientar melhor a educação dos alunos hiperativos ou as portadoras de disfunções visuais, auditivas ou mentais. Porém, há que se ter o cuidado de evitar enxergar, nos comportamentos não esperados do aluno, patologias em tudo, o que ela bem define por meio do neologismo "patologização", que seria uma tendência de se deslocar para o aluno os motivos de seu insucesso escolar.

Grande parte dos problemas de crianças com TDA/H, provêm da falta de compreensão e de informação dos pais e educadores. A questão não é o que há de errado com estas crianças, mas como são elas e o que se pode fazer. Logo as pessoas estão lhe chamando de desorganizado e impulsivo e toda espécie de palavras desagradáveis que mostram a total falta de compreensão da situação, porque ninguém sabe, mas ele está trabalhando e se esforçando, dentro de seus próprios limites.

É comum observarmos e ouvirmos professores dizendo que o aluno mal-educado em casa converte-se automaticamente em um aluno indisciplinado na escola ou a um mau aluno, que não respeita regras e limites. Isso, porém, nem sempre é verdadeiro. Não é possível generalizar e usar o diagnóstico para justificar os diferentes casos de indisciplina com os quais deparamos. Além disso, há uma evidência irrefutável de que os mesmos alunos indisciplinados com alguns professores podem ser bastante colaboradores com outros. Isso também se aplica ao aluno hiperativo porque dependendo da metodologia e estratégias que o professor usa em sala de aula, consegue fazer este aluno produzir e obter

conteúdos. Também se constatam que alunos hiperativos que nas escolas regulares não produzem, não cuidam dos materiais, não conseguem trabalhar individualmente ou em equipe e não se comportam. Ao serem atendidos nas salas de recursos apresentam um quadro comportamental e de aprendizagem que na maioria dos casos, nada deixa a desejar pela sua série escolar, conseguindo rendimento e apropriação adequada de conteúdos.

É preciso ter ciência do que seja indisciplina, falta de limites para depois colocarmos o aluno hiperativo neste contexto para que ao enfocarmos o aluno em sala de aula, tenhamos consciência do papel que ele está exercendo no momento.

Temos que admitir que por pior que possa parecer o caso de algum aluno ou classe, perante a indisciplina, grande parte do que acontece pode parecer difícil e insolúvel, mas, os problemas poderiam ser resolvidos com idéias simples, estudo do caso com a equipe pedagógica, troca de experiência entre os professores da sala, rever as situações e o que tem acontecido, sem endurecimento de opiniões, estigmas e conceitos definidos e imutáveis e definições pré-estabelecidas socialmente e no ambiente escolar.

Quase sempre se imagina que é necessário os alunos apresentarem previamente um conjunto de ações disciplinadas como: ser obediente, permanecer em silêncio, permanecer no lugar, etc. para, então, o professor poder iniciar seu trabalho. E esse é um equívoco sério, porque, em nome dele, perde-se um tempo precioso tentando-se disciplinar os hábitos discentes. Mas, se o aluno é hiperativo e isso é inerente à sua vontade, existe uma fórmula mágica de fazer com que ele domine seus impulsos e permaneça obediente, em silêncio para poder aprender? E, somente os alunos que apresentam este comportamento adquirem conhecimento acadêmico suficiente para vencer os anos escolares?

O professor é muito importante no que diz respeito a identificação da dificuldade ou da hiperatividade. Mas, cabe ao profissional médico, a solicitação de sua participação na apuração do diagnóstico, o que na maioria das vezes não acontece. Na busca por solução rápida, os profissionais (nem sempre especialistas) entregam um diagnóstico aos pais e a partir deste, tudo se justifica como mudança de comportamento ou de aprendizagem, porém, na maioria das vezes, o aluno fica rotulado, sofrendo por um diagnóstico que não é real e que acaba por atrapalhar ao

invés de ajudar na sua vida acadêmica. Aquele aluno que não adquire conhecimento como os colegas, deve ser identificado e acompanhado de perto pelos professores, equipe pedagógica, mas sem deixar que isso crie uma diferenciação na sala. Quando se trata de alunos com TDA/H é de suma importância todo um acompanhamento da equipe pedagógica na busca de soluções e adequações para cada caso, pois um hiperativo é essencialmente diferente do outro e o que dá resultado com um, pode não necessariamente se adequar ao outro.

Analisando a inclusão de alunos com diagnóstico de TDA/H percebe-se que é preciso estar atento que não é um diagnóstico médico enviado a escola que tem o poder de transformar a vida escolar do aluno, principalmente no caso dos alunos com Hiperatividade. É preciso observar as necessidades educacionais que este aluno apresenta e não exigir dele um comportamento que não pode corresponder.

A inclusão de hiperativos é hoje uma verdade vivenciada pelas escolas. Com ela emergem vários questionamentos entre pais, professores e os alunos da classe sobre o que fazer e como fazer. Em meio a isso, o professor, é levado a questionar-se sobre os saberes necessários para trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais, considerando que não dispõe de formação para tal. Por isso, muitas vezes, nega-se a aceitar turmas que sabe, apresentam alunos inclusivos. Alguns sentem-se de um lado impulsionado a fazer novas descobertas, desenvolver técnicas diferenciadas de atendimento individual e coletivo e tomar conhecimento das necessidades educacionais das qual o aluno incluso necessita para melhor desempenho. Por outro ângulo, alguns se negam ainda a aceitar a inclusão e questionam sobre a forma especial de ensinar e aprender que envolve tal situação e particularidades que exige cada aluno.

É neste momento, em que se depara com estas situações que o profissional tem a oportunidade de mostrar seus conhecimentos, suas táticas, seu envolvimento e tudo isso lhe dá uma oportunidade ímpar de vivência dessa profissão.

Algumas considerações

Refletir sobre os problemas de inclusão/exclusão é buscar subsídios para entender e ajudar o aluno que se encontra desajustado. É importante ter como ponto de partida os alunos e professores, os sujeitos ativos do processo ensino-

aprendizagem. É imprescindível a compreensão, o estudo, a intervenção do educador sobre os fatores que interferem na aprendizagem do aluno, refletindo constantemente as questões internas (cognitiva, psicomotora e afetiva) e externas (escola, família, sociedade) que atingem e conseguem modificar o processo de construção do conhecimento, a permanência e a exclusão do ambiente escolar.

A inclusão de hiperativos é hoje uma verdade vivenciada pelas escolas. Ela surge no cenário educacional como uma nova perspectiva que envolve rever concepções a respeito da educação, do ensinar e do aprender. Com ela emergem vários questionamentos entre pais, professores e os alunos da classe sobre o que fazer e como fazer. Em meio a isso, o professor, é levado a questionar-se sobre os saberes necessários para trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais, considerando que não dispõe de formação para tal. Por isso, muitas vezes, nega-se a aceitar turmas que sabe, apresentam alunos inclusivos. Alguns sentem-se de um lado impulsionado a fazer novas descobertas, desenvolver técnicas diferenciadas de atendimento individual e coletivo e tomar conhecimento das necessidades educacionais das qual o aluno incluso necessita para melhor desempenho. Por outro ângulo, alguns se negam ainda a aceitar a inclusão e questionam sobre a forma especial de ensinar e aprender que envolve tal situação e particularidades que exige cada aluno.

Com isso, aprender a trabalhar com a inclusão é um desafio para os docentes e para escola de modo geral, que necessitam criar meios para aprender a trabalhar nessa perspectiva. Assim, o professor, cuja função é ensinar, tem também a necessidade de aprender, diversificar e sair do comodismo, buscando novas idéias, técnicas, tecnologias, adaptações curriculares, etc. Educar na diversidade seria então, colocar o indivíduo em contato com tudo o que circulam em sua cultura, sua vida pessoal e escolar, para que, assimilando-os, possa nela interagir, se preparar e conseguir objetivos que norteiem sua própria existência.

Não é possível estabelecer uma regra geral e inflexível atribuindo a todos os casos de TDA/H um mesmo diagnóstico, um mesmo tipo de atendimento escolar ou generalizar o que fazem e provocam. É preciso cuidar para que os diagnósticos para avaliar esses problemas não sirvam para encobrir outras incompetências pedagógicas. Muitas vezes o diagnóstico pouco criterioso de hiperatividade, fobia escolar, etc. servem como atenuante para alguma comodidade ou incapacidade da

escola para lidar com processos e métodos de aprendizagem. Servem apenas para justificar o comportamento do aluno e o que o professor faz e pensa sobre ele.

Na escola, principalmente no início da escolarização, normalmente algumas crianças apresentam dificuldades específicas embora não tenham nenhum problema neuropsiquiátrico, provavelmente são aquelas que precisarão de maior atenção, sem dizer, contudo, que sejam crianças do quadro da Educação especial ou que precisem de Atendimento Educacional Especial.. São crianças que terão de desenvolver suas habilidades de apreensão daquilo que é ensinado.

O ponto importante é não deixar que estigmas e preconceitos já rotulados cheguem à sala de aula antes dos próprios alunos. Esse modernismo de diagnóstico de hiperatividade está acontecendo e isso é a realidade no mundo escolar.

É preciso então que os profissionais que atuam na educação tenham o olhar voltado para a inclusão, os fatos que fazem com que ela aconteça, a realidade do aluno que está na sala e o que se pode fazer com e por ele.

Mais da metade das crianças com TDA/H sofrem rejeição por parte de seus colegas e até mesmo de professores, e quando falamos em escolas, podemos mesmo usar o termo exclusão. Os diferentes tipos clínicos dos alunos com este distúrbio despertam diferentes reações e disso resultam conseqüências também muito diferentes. Crianças com Tipo Desatento tendem a ser mais passivas e retraídas e aquelas do Tipo Combinado mostram mais freqüentemente comportamentos agressivos e inadaptados. As do Tipo Combinado sofrem mais prejuízo social e exclusão escolar, pois na maioria dos casos, se exige dela, um comportamento ao qual não consegue corresponder.

Alunos com TDA/H apresentam também dificuldade de modulação das emoções, pois costumam ter oscilações emocionais intensas, frente aos menores contratempos. Podemos perceber em sala de aula, que quando não consegue resolver sua atividade ao mesmo tempo em que os colegas, a oscilação emocional esbarra na baixa estima e ele acaba por desistir de tal tarefa, manifestando ainda, um comportamento de rebeldia. Essa característica compromete seriamente a interação com o grupo.

Educar na diversidade seria então, colocar o indivíduo em contato com tudo o que circula em sua cultura, sua vida pessoal e escolar para que, assimilando-os, possa nela interagir, se preparar e conseguir objetivos que norteiem sua própria

existência. Nesta visão, a Educação Especial seria o meio pelo qual o indivíduo conheceria e compreenderia as múltiplas significações através de seu ambiente social e de suas vivências.

Refletir sobre os problemas de inclusão/exclusão é buscar subsídios para entender e ajudar o aluno que se encontra desajustado. É importante ter como ponto de partida os alunos e professores, os sujeitos ativos do processo ensino-aprendizagem. É imprescindível a compreensão, o estudo, a intervenção do educador sobre os fatores que interferem na aprendizagem do aluno, seja ele de que fator provir, refletindo constantemente as questões internas (cognitiva, psicomotora e afetiva) e externas (escola, família, sociedade) que atingem e conseguem modificar o processo de construção do conhecimento, a permanência e a exclusão do ambiente escolar.

Alunos que apresentam hiperatividade distraem-se com qualquer estímulo, pode ser uma buzina de automóvel, um inseto que entra na sala, o que faz o colega ou uma pessoa que passa em frente a porta. Em brincadeiras e jogos, dificilmente dão atenção às regras, e quando estão na sala de aula se remexem na cadeira, falam demais e interrompe quem está falando, sem deixar mesmo que a professora termine o pensamento. Enfim, estão sempre “a mil”. É comum esses estudantes serem excluídos do grupo e os professores perderem a paciência com eles.

Não é possível estabelecer uma regra geral e inflexível atribuindo a todos os casos de DA um mesmo diagnóstico ou generalizar o que fazem e provocam. Muitas vezes as tentativas de se estabelecer diagnósticos para avaliar esses problemas servem para encobrir outras incompetências pedagógicas. Então, é preciso que os professores tenham cuidados ao indicar que um aluno seja avaliado diagnosticamente por um comportamento que demonstra, pois isso pode não ser hiperatividade, mas advir de outros fatores que mereceriam maior observação. Direção e professores devem estar muito atentos a este pormenor, pois um diagnóstico errado pode marcar o aluno erroneamente por toda a vida escolar.

Na escola, principalmente no início da escolarização, normalmente algumas crianças apresentam dificuldades específicas embora não tenham nenhum problema neuropsiquiátrico, provavelmente são aquelas que precisarão de maior atenção, sem dizer, contudo, que sejam crianças do quadro da Educação especial, ou que precisem de Atendimento Educativo Especial.. São crianças que terão de

desenvolver suas habilidades de apreensão daquilo que é ensinado. Portanto, cada uma delas precisa ser investigada e compreendida particularmente em suas dificuldades.

É preciso cuidar para não surgir falsos diagnósticos de crianças hiperativas e de Déficit de Atenção, carregando todo um estigma e tomando até medicação, fazendo-o carregar o estigma de uma doença que ele não tem.

Falando dos problemas dos alunos, primeiramente devemos questionar se, de fato, o aluno apresenta TDA/H ou se seu rendimento não satisfaz as expectativas do professor e da escola. As agendas de anotações escolares devem ser vistas, sempre que possível, e o hiperativo necessita dela como se fosse seu diário. Ela o ajuda a manter-se informado, sem perder dia e horários de atividades previamente combinadas na escola.

Sem a pretensão de concluir esta pesquisa, enfatiza-se que esta se constitui num ponto de partida para se pensar a inclusão de alunos TDA/H. Para tanto, é necessário compromisso e seriedade daqueles que se dedicam à causa, uma vez que a inclusão educacional é um campo fértil para troca de idéias e novas investigações.

A inclusão é real, aberta a todos que possuem uma necessidade educacional especial. Envolve o universo familiar, social, profissional e escolar. O ponto importante é não deixar que estigmas e preconceitos já rotulados cheguem à sala de aula antes dos próprios alunos. Esse modernismo de diagnóstico de hiperatividade está acontecendo e isso é a realidade no mundo escolar.

Algumas adaptações são necessárias para a aprendizagem do aluno que apresenta TDA/H. Normalmente, o aluno apresenta dificuldade em centrar-se no todo que se apresenta na sala de aula, ficando dispersivo. Algumas sugestões para que ele tenha melhor concentração em seus deveres e que facilitará o trabalho do professor em conseguir melhores resultados. Estas sugestões foram vivenciadas em sala de recursos, estudadas e adaptadas pela citada professora no trabalho diário e na prática em sala de aula.

ALGUMAS ADAPTAÇÕES NECESSÁRIAS PARA SE REALIZAR COM OS ALUNOS, NA SALA DE AULA E NA METODOLOGIA APLICADA

- Realizar e estabelecer tarefas de maneira rotineira.
- Propor regras claras exigindo o cumprimento de todas.
- Deixar visíveis listas de verificação para que o aluno as leia e se organize.
- Deixar a sala sem muitas distrações que não seja o material de aprendizagem a ser utilizado no momento.
- Sentar o aluno num lugar sem acesso de olhar para fora da porta e perto do professor.
- Planejar atividades de curta duração.
- Conceber, se for necessário, maior tempo para a realização da tarefa e também quando esta envolver avaliação.
- Reduzir a quantidade de exercícios na avaliação.
- Espaçar períodos de trabalho com pequenas pausas ou mudança de atividades.
- Alternar atividades. Umas mais paradas, outras mais ativas, em grupos, isoladas, fora da sala, em silêncio, em duplas.
- Fazer sempre relação do conteúdo novo, com o que já foi aprendido e com as experiências do aluno.
- Levar os alunos a verbalizarem as instruções e a seguir orientações de atividades.
- Evitar textos longos, muitas anotações ou cópia de informações do livro.
- Dar sempre dicas e pistas para a atividade a ser resolvida.
- Evitar pressionar o aluno para o término das atividades. Fazer adequação de conteúdo.
- Usar instrumentos de avaliação alternados como apresentação oral, escrita, resposta múltipla, etc.
- Planejar avaliações com poucas atividades, assunto por assunto.
- Esclarecer qual o objetivo a ser alcançado com determinada avaliação.
- Aceitar e compreender a resposta escrita do aluno e se necessário, fazê-lo explicar ou responder oralmente.

- Permitir que a avaliação seja completada, caso não termine no tempo estipulado para todos da sala.
- Usar se necessário, a adaptação curricular e flexibilização curricular.
 - Desenvolver um clima de confiança entre professor e aluno e manter contato visual.
 - Não deixar passar comportamentos sem falar sobre ele. Nunca na frente da sala toda, mas, em particular. Evitar enviar o aluno à coordenação.
 - Combinar regras de comportamento e punição que sejam precisas e claras.
 - Evitar linguagens de confronto na frente da sala. A humilhação deve ser evitada sempre.
 - Elogiar perante as pessoas os comportamentos adequados, as atividades realizadas, aumentando a auto-estima do aluno.
 - Estar atento ao nível de frustração do aluno quando não conseguir realizar tarefas.
- Explicar a classe o que é hiperatividade e déficit de atenção, baseada em pesquisas e entendimento do conteúdo, para que possa explicar as atividades diferenciadas que o aluno venha a receber no decorrer do ano letivo.
- Ampliar na sala um ambiente cooperativo, amigável e menos concorrido, deixando que os amigos cooperem com o aluno em explicações, grupo de atividades.
- Cuidar ao trabalhar em grupo. Este deve ser bem estruturado para proporcionar segurança e integração. Caso contrário, o aluno atrapalha o grupo e faz somente um copiar e colar.
- Trabalhar com seus pares tem um ótimo resultado. Proporcionar algum amigo que possa sempre auxiliar o aluno em explicações durante as atividades.
- Facilitar alguns trabalhos individuais para que o aluno se sinta capaz de realizar também sozinho e acertadamente.
- Combinar com o aluno um sinal para quando precisar de auxílio na tarefa a ser realizada.

- Combinar com os outros alunos para sempre incentivarem o aluno a permanecer na sala e completar as atividades, não fazendo deboche, nem humilhações.
- Combinar com a turma sinais para se calarem e ouvirem a explicação, como estalar os dedos, erguer os braços, bater palmas.
- Variar o tom de voz durante a explicação de alguma atividade.
- Usar de algum mistério nas aulas. Isso desperta a curiosidade e pode-se negociar.
- Ser sempre criativo nas aulas. Até mesmo uma bobagem pode ativar o interesse do aluno.
- Ilustrar sempre as aulas e as explicações, mesmo que sejam rabiscos no quadro ou no papelógrafo, estimulando os alunos a fazerem o mesmo para reterem melhor o que foi ensinado.
- Preparar guias que os alunos possam apontar como um resumo da aula.
- Fazer sempre que possível a revisão colocando uma palavra chave no quadro ou distribuindo aos alunos e pedir para irem falando o que sabem sobre o assunto.
- Dar início a aula dizendo o que vai acontecer durante as atividades.
- Variar sempre que possível o material didático e se possível usar o computador. Ele é estimulante para pesquisas e buscas. Força a leitura e a compreensão.
- Dividir o conteúdo a ser explicado por tópicos pequenos, fazendo intervalos com perguntas e anotações dos pontos principais.
- Incentivar a respostas às indagações sobre o tema, propondo discussões.
- Fazer uso de resposta em coro, para facilitar a compreensão e retenção.
- Sempre que possível, atender individualmente.

Se os professores conseguirem inserir em seu trabalho diário na sala de aula algumas destas estratégias, com certeza, não somente os alunos com TDA/H serão beneficiados como os alunos da sala toda aprenderão e se concentrarão melhor.

É preciso então que os profissionais que atuam na educação tenham o olhar voltado para a inclusão, os fatos que fazem com que ela aconteça, a realidade do

aluno que está na sala e o que se pode fazer com e por ele. Devem esquecer a parte diagnóstica, que tudo pode justificar por ser um transtorno apresentado pelo aluno, mas voltarem-se ao aluno propriamente dito, tentando fazer dele um cidadão, envolvido num ambiente escolar e proporcionar o que há de melhor para que seu crescimento seja global e acadêmico, não deixando que estigmas já impostos pela sociedade, (pois a maioria sabe o comportamento de um aluno TDA/H) possam conduzir suas obrigações, responsabilidades acadêmicas e comportamentais. Hoje em dia, nem todos os diagnósticos são reais e não cabe aos professores este julgamento, mas, de qualquer forma, é na escola que eles estão, e com ou sem diagnósticos corretos ou incorretos, é preciso fazer com que este aluno seja também um vencedor.

Esta pesquisa é apenas o começo do novelo que o problema do TDA/H apresenta hoje nas escolas. Há muito ainda por desenrolar, pesquisar e estudar sobre o assunto na busca de melhores alternativas. Há muitas barreiras a serem transpostas. Há muitos estudos por acontecerem. Há muita pesquisa por acontecer e tudo no intuito de fazer da inclusão dos Hiperativos, realmente alunos que sentem que a escola e os profissionais, têm um olhar voltado às suas necessidades.

REFERÊNCIAS

ABDA. Associação Brasileira de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Disponível em <http://www.tdah.org.br/quemsomos01.php> Acesso 05 abr. 2007

AQUINO, J. G. (org.). *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teórico e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

_____. *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003. 95 p.

ARAÚJO, H. M. de. *O distúrbio da atenção e hiperatividade em questão: teoria e terapia*. 2000. Rio de Janeiro. Disponível em http://usuarios.uninet.com.br/~hmiguens/disturbio_da_atencao_e_hiperatividade_em_questao.pdf

BALLONE G.J. *Dificuldades de aprendizagem*. 2005. Disponível em <http://www.psiqweb.med.br/> Acesso 20 abril 2007.

_____. *Distúrbio de déficit de atenção por hiperatividade*. 2005. Disponível em www.psiqweb.med.br. Acesso 02 out. 2007

_____. *Distúrbio do déficit de atenção em adultos*. 2005. Disponível em http://gballone.sites.uol.com.br/voce/dda_adulto.htm Acesso 02 out. 2007

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LDBEN 9394/96. 1996. Brasília.

CABRAL, S. B. *Déficit de atenção - hiperatividade (DDA ou TDAH) em adultos*. Disponível em <http://www.mentalhelp.com/hiperatividade.htm>. Rio de Janeiro. Acesso em 22 maio 2007

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. *Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais*. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em 18 set.2007

FREIRE-COSTA, J. A ética democrática e seus inimigos. In: ROITMAN, A. (org.) *O desafio ético*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 79-92.

GARCIA, R. M. C. *Discursos políticos sobre inclusão: questões para as políticas públicas de educação especial no Brasil*. GT: Educação especial n.15. 2006. UFSC

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

JANNUZZI, G. Algumas concepções de educação do deficiente. UNICAMP. Disponível em *Revista Brasileira de Ciências e Esporte*. 2004. Campinas. V.25, n.3. p. 9-25.

LAPLANE, A. L. F. de. *Educação X Necessidades Especiais: uma questão política e discursiva*. GT: Educação Especial. UNICAMP

PATTO, M.H.S. Para uma crítica da razão psicométrica. *PSICOLOGIA. USP*. v. 8, n.1, São Paulo, 1997, p.47-62